

# FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

**ROCHA MARTINS**

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440 - C.

## Carta à Confederação Patronal

Diante das "forças vivas," — Os trabalhadores  
intelectuais e os manuais — Uma grande ba-  
talha e a classe média — O patronato entre  
si — Quais são as "forças vivas?!",

Meus senhores: Vejo que novamente desponta a Confederação Patronal e essa aurora, após o eclipse, dá-me pretexto a uma conversa, leve, calma, com as forças vivas do meu país, sim, porque v. ex.<sup>as</sup> são o *humus vivificador* — pelo menos assim lhes chamou já um jornalista — a seiva, o Capital, emfim, que exerce ainda nas sociedades a acção das regas nos terrenos bravios.

Dum lado — julgo que aí para as avenidas — estão os patrões ligados; do outro — ali no Combro — juntam-se os proletarios manuais. Os intellectuais andam arredios do grande movimento social ou vivem nas suas associações — como os medicos, os engenheiros, os advogados, os literatos — fazendo delas mais academias do que centros de conquistas materiais e com tais isenções, com semelhantes viagens no dominio do romantico, devem v. ex.<sup>as</sup> folgar.

Sim, porque no dia em que essas duas enormes forças, a do cerebro e a do braço, se entenderem não haverá mais Confederação Patronal, sinto dizer-lhes, não existirá o Patrão, acabará o Dono, findará o Proprietario. Seremos todos associados.

Bem vejo que v. ex.<sup>as</sup> desejam evitar esse momento e soceguem que êle não chegará tão depressa, não virá talvez nunca porque essa classe media — a das profissões liberais — prefere viver fingindo-se abastada do que mergulhar no grande movimento dos outros productores.

Claro que eu, como um simples analista, estou vendo as cousas, procurando elucidá-las um pouco, fóra das trincheiras donde os senhores se batem com os sindicalistas; assisto à batalha com a curiosidade de

um *reporter* e com a ansiedade de alguém que ouviu anunciar cataclismos e irá fatalmente arrastado no seu desencadeamento.

Vivemos todos metidos entre duas forças enormes: as de v. ex.<sup>as</sup> e as dos trabalhadores.

Existimos aqui entre o camartelo do Capital e a bigorna do Trabalhador. No meio — como lhes dizia — estão os intelectuais dispersos, recebendo a pancada rija do malho — isto é de v. ex.<sup>as</sup> — e aparando a resistencia do blóco ferreo — isto é, a dos sindicalistas.

Esmagados, espalmados, reduzidos a estilhas, acabaremos, fatalmente, por ser uma materia extranha, despedaçada, uns restos, umas aparas, uns nadas.

Para esse desaparecimento vai, na sua inercia, a classe média.

De forma que o combate é apenas entre v. ex.<sup>as</sup> e os outros. V. ex.<sup>as</sup> elevam o preço dos generos, êles levantam, pelos seus movimentos certos e homogeneos, o custo dos salarios. Nós pagamos a v. ex.<sup>as</sup> e a êles. É duro para quem não tem a coragem da se ligar á bigorna e é repellido pelo martelo. Sim, que v. ex.<sup>as</sup> não são capazes de consentir em dividir os seus lucros com os engenheiros organizadores das suas empresas, com os mestres que dirigem as suas fabricas, com os agronomos que tratam das suas sementeiras, com os quimicos que criam os maravilhosos productos de que não tiram os resultados, com os advogados que defendem os seus processos, com os medicos que salvam as suas familias e a v. ex.<sup>as</sup> da morte, com os jornalistas cuja missão — agora, pelo menos — é a de criar a atmosfera para v. ex.<sup>as</sup> fazerem os seus negocios. E porque não dividem esses lucros? Porque esses engenheiros, esses mestres, esses agronomos, esses quimicos, esses medicos, esses advogados, esses jornalistas, andam desagregados, cuidam pouco dos seus interesses, preferem calar-se a gerar uma resistencia. Não podem, porém, v. ex.<sup>as</sup> contar com a dedicação destes seus servidores, embora os sentem ás suas mesas em dias de bons negocios ou lhes mandem um perú pelo Natal.

Não, ex.<sup>mos</sup> senhores, a classe média não os ama, serve-os como os soldados nos regimentos: à força, sem vontade, com um enorme desejo de fugir mas não tendo a coragem de desertar em massa. Compreendem v. ex.<sup>as</sup> que se isto se fizesse, não haveria exercito; se a classe média se resolvesse à greve, fatalmente se chegaria a uma plataforma de interesses.

Ora imaginem-se v. ex.<sup>as</sup> isolados, sem aqueles seus indispensaveis colaboradores e ainda sem guarda-livros, sem empregados nos seus Bancos, nas suas Companhias, nos seus escritórios, não tendo mais a quem mandar analisar uma pedra de carvão, abrir uma conta ou escrever uma carta à maquina?! O seu papel na sociedade — que desolação não sentiriam! seria igual à daqueles reis abandonados pelos aulicos nas horas em que brama a revolta nas ruas, ou como a dos aristocratas que dançavam quando as turbas começavam a demolir a Bastilha. É que êles não tinham conseguido criar amizades nos seus subalternos, não viam o notario como um homem, o seu medico não passava de um servo, o seu advogado era um pobre diabo e apenas êles existiam ostentando o espadim e bailando airoosamente. Acabaram na guilhotina ou no exilio e sabem quem lhes sucedeu? V. ex.<sup>as</sup> a que se convenciou chamar: as forças vivas, os burgueses, os grandes ricos.

Os intelectuais continuaram a servi-los e da parte de v. ex.<sup>as</sup> houve

para elles apenas mais um pouco de cortesia. No resto são o mesmo que nessa hora em que desabava o velho mundo. Elles nem o sentem, condemnados como estão a ser com v. ex.<sup>as</sup> os servidores de uma ditadura revolucionaria e obreira: o mando da bigorna que não defenderá essas primeiras vítimas do malho.

Chama-se a isto falar claro, como é meu costume, e não fazer um estendal de ideias ou de panicos. V. ex.<sup>as</sup> sósinhos, nos seus leitões, depois de contarem o dinheiro dos lucros diarios, pensem um bocadinho na sua situação e na nossa e verão, como uma verdade inolvidavel lhes aparecerá toda nua não para o seu prazer — v. ex.<sup>as</sup> costumam comprar tudo — mas divina, esplendorosa, trazendo a seu lado a Razão.

Ha uma força a que v. ex.<sup>as</sup> já não podem resistir porque não souberam apoiar-se noutra, na que estava a seu lado, na que lhe era immediata. Essa Força — e com F grande se deve escrever — é a do trabalhador manual. Sindicalisou-se, uniu-se, ligou-se, tornou-se uma solida coesão que só a si propria se poderá destruir — e isso succederá logicamente, após o seu triunfo, como no seculo XII aconteceu ás repúblicas obreiras italianas — e quando ela ameaça, clama, pede, ou antes exige, é assim mesmo, v. ex.<sup>as</sup> que não chamaram para a partilha dos seus lucros os seus colaboradores mais proximos — os das profissões liberais — vão dar, por uma necessidade, por uma obrigação, ou por um terror, as quantias que essa Força unida lhes exige. É assim ou não é?

E que tem v. ex.<sup>as</sup> para lhes contrapôr? A classe média? Oh! Já lha mostrei hostil? Então o quê? A sua acção pessoal, colectiva, bem forte tambem como a de elles?

Ensaíaram-na já e cousa alguma de positivo conseguiram.

Na Hespanha, fez-se o combate em grande — continúa ainda.

O sangue dos proletarios e dos *Somatenses* tingia as pedras das *calles* como na idade média se avermelhavam as lages das ruas com o dos inimigos da religião. Era uma lucta encarniçada; hoje continúa em nome de interesses mais altos: os dos estomagos que os sindicalistas erradamente — é certo — proclamam eguaes. Quanto não dariam alguns de v. ex.<sup>as</sup> para que os seus estomagos funcionassem tão bem como o dum cavador de 80 anos que eu vi sustentar-se a pão e cebola?! Mas, enfim, em nome da sua Força, da sua união, elles mandam e v. ex.<sup>as</sup> pagam. Os da classe média não se atrevem a pedir nem a juntar-se mas não combatem por v. ex.<sup>as</sup> que estão sós, creiam-no, absolutamente sós, no seu papel de defeza dos seus interesses, dos seus negocios, da sua situação. Quando digo sós, falo com a maior propriedade, porque as autoridades em Portugal não servem de auxilio a ninguem se não até certo ponto. Numa das revoltas a que assisti vi três esquadrões da guarda fugindo diante dum clarim que tocava á carga seguido por meia duzia de soldados; noutra constatei que a policia se entregou em massa aos civis. Bem sei que é um lamentavel espectáculo, mas a culpa é tambem, ou antes, é sobretudo de v. ex.<sup>as</sup>, *forças vivas*, que se lançaram, por vezes, contra ás velhas instituições, em nome dos seus interesses, mal imaginando a época terrivel que preparavam. Agora, já o constatarem é a nova lucta! Estão já diante do inimigo ou antes estão em frente dele e desagregam-se. Sabem porquê?! E' que emquanto as ambições dos productores, são, *por emquanto*, idénticas: as de «tudo quanto vier é ganho», as da classe média se lhes assemelham muito, embora não queiram, e nelas cobardemente se envolvem as de v. ex.<sup>as</sup>. São antagonicas e quando

se anem para uma defeza, estão por outro lado a combater-se na rivalidade dum negocio. Homens que se batem por um ganho que o outro lhe leva, jamais podem viver em comum, ligar-se, emfim, confederar-se. Existe talvez um remedio. Esse não o adotam v. ex.<sup>as</sup>.

Mas que haverá depois disto? perguntar-me-hão.

E eu, membro da classe média, apenas lhes posso responder, emquanto não lhes escrevo nova carta:

Ora o que ha? O martelo batendo na bigorna e estafando o que estiver no meio.

Muda, porém, de mãos o cabo do malho!

Vejam se podem conter essa mudança—no que não creio—e se conseguirem, terão feito recuar nos tempos, com o paredão das suas coragens, as ondas furiosas que rugem e querem demolir. Mais do que isso: o merecerem, na verdade nome de *forças vivas*. De outro modo elas começam a estar do outro lado.

## A Gazúa e o Zero

O que ha ácerca de lucros ilícitos? - Os ministros empregados do commercio - O "Tudo rouba," - Onde se evoca um livro desaparecido - O verdadeiro pavilhão e o fado das mãos criminosas

Roberto appareceu-me hoje tão transmudado e triste que o julguei ainda ferido pelas prosperidades do Mau Ladrão, o qual conta os seculos como os seus lucros, sempre com um beneficio de, pelo menos, vinte por cento.

Apoiava-se, em demasia, ao seu bastão, a linta das olheiras enegrecera mais, perdera um guiso, e o barrete caía-lhe emurchecido sobre o ombro, como uma crista de galo cuja companheira o deixasse para ir adubar uma canja. Atirara-se para uma cadeira, num aborrecimento extranho e a sua vozita de fitere, não passava de um cicio ao confessar-me a vergonha que o enchia, o turbava, lhe apertava as gúelas. Tinha arrotos, gazes; flatulencias patrioticas extravasavam-se do seu corpito debil. Atacara-o a dispepsia nacionaleira e em arrancos, em haustos, empalidecendo e levando as mãos ao coração, desabalava como se bicarbonatasse a alma tão prenhe de desesperos ante o que elle chamava: a ruína das suas esperanças.

Mal o interrogava; eu sei que essas crises lhe passam tão depressa como o assaltam. Desta vez, porém, duravam-lhe e só compreendi a gravidade do seu estado quando soltou a grande explosão: a bandeira da patria vai ter por escudo uma gazua e um zero!

O meu querido Roberto, decerto, encontrara algum conhecimento antigo que o levava a qualquer baiúca e lhe dera a provar vinhos ou licores diversos. Elle, porém, não deixava a terrivel ideia que o perlurava, o maquinava, o roía: uma gazúa e um zero!

Realmente era caso para aquela raiva mal contida; eu proprio não me sentia disposto a ser o cidadão — como nos chamam na vereação de Lisboa — de um país cujas insignias fossem essas e lembrei-me dos heroismos, das loucuras formidaveis nos combates à sombra desse larrapo, que Roberto dizia ir ser substituído.

Nunca! Não consentiria tal e começou-me, ante a possibilidade dessa mudança, a parecer muito lindo e muito belo, o encarnado e o verde que flutuara na Flandres e na Africa cobrindo portuguezes. Calcule-se! Pegou-se-me o sentimentalismo patrioteiro de Roberto e quis profundar as cousas.

— Quem te disse semelhante infamia, patriota amigo?

Que não fôra bem assim mas vinha a dar na mesma; se não modificavam a sina, toda a gente ficava sabendo a materia que ela continha: ladrões e incompetentes; ineptos e gatunos: a gazúa e o zero; o zero e a gazúa.

E o peor — afirmava Roberto no seu aiar — é que foi um ministro que o afirmou e eu acredito-o . . . Falou o da agricultura a um jornalista e declarou: «V. não calcula — TUDO ROUBA! Ou melhor quasi todos roubam e os que o não fazem, enganam-se ou não sabem do «métier».

Referia-se aos empregados dos armazens reguladores mas podia applicar-se ao país inteiro, diante do que, dia a dia, consta do simples noticiario. O roubo começa de cima para baixo ou antes no ultimo escalão êle é um reflexo dos crimes, das delapidações dos mais altamente collocados. É certo que os carroceiros roubam o carvão que devem transportar, mas tambem se sabe como desapareceram milhares de contos dos Transportes Maritimos; é verdade existirem ai no rio os *Filhos da Noite* mas tambem se celebrou a *Quadrilha dos Bairros Sociais*; nos caminhos de ferro desaparecem encomendas mas grandes funcionarios fogem com milhares de francos, agentes do governo, no estrangeiro, metem as mãos nos dinheiros e um regabofe colossal se desenvolve porque a justiça — se não é cúmplice — é benévola.

Tem-se a impressão de que a Deusa, farta de habitar o pardiêro da Boa Hora, fez da venda — da dos olhos já se vê — uma liga e mergulhou no *Maxime* a mostrar as pernas numa desenfreada historia. Doutra maneira como explicar este caso e outros do mesmo genero. Um empregado do caminho de ferro roubava; encontravam-se-lhe em casa os objectos que tinham desaparecido, pois foi absolvido e tornou a reclamar as suas garantias na companhia. Deram-lhas, em virtude da lei, e voltou ao sique.

Sucedeu outro tanto com um funcionario do Porto de Lisboa a quem foi entregue o seu roubo integralmente. Nas fronteiras passa o gado, a lã, o vinho, os ovos porque se paga a quem deve vigiar; no ministerio dos estrangeiros alguem, que devia respeitar o seu nome, lançou mão do dinheiro; por esse país fôra é tanta a ganancia, o mercantilismo, a febre do ganho que já não se tem da honestidade sequer uma lembrança: a gazúa é um simbolo. Bem diz o ministro: TUDO ROUBA.

Chega-se a imaginar que do ceu, tão lindo de Portugal, escorre, com a luz, um singular fluido de roubalheira, que os nossos rios cantantes são roubados e veem rolando nos seixos numa canção de *apaches*, e que toda a historia, não passa de uma série de assaltos aos quais chamaram conquistas. Não é assim talvez, mas o ministro disse: «TUDO ROUBA», e agora uma larga sugestão perpassa nas almas e apenas se ouve como um hino synthetico; o estalido de fechaduras que saltam.

TUDO ROUBA! disse o senhor Fontaura da Costa e êle proprio — já aqui repetimos varias vezes — está acusado do desaparecimento de um livro raro, vendido carissimo em Madrid a certo milionario americano por intermedio de um defarrabista. Corre um processo na Boa Hora ácêrca desse misterioso desaparecimento; indicou-se o official de marinha e empregado da casa Burnay como auctor de tal escamoteação e de repente aparece o ministro e a exclamar:

TUDO ROUBA!

O chefe do govêrno, é, como se sabe, um leitor assíduo do *Rocam-*

*bole*, é mesmo esse o pasto dilecto do seu espírito, e daí esta scena do *Club do Valete de Copas* na qual se alça um filiado ás honrarias e ao poder e se guinda ao mando, da suspeita acusação:

—TUDO ROUBA! E o livro desaparecido do liceu, levado pelo então reitor Fontoura da Costa? Acaso pôde falar de roubo o ministro dos mesmos apelidos?

Por isso, desditosamente, Roberto, me falava no pavilhão da gazua e do zero.

\* \* \*

Pelos dominios da chave falsa já fizemos passar quem nos lê como numa excursão de grãos duques aos *basfonds* desta apachesia nacional.

Viajemos, agora, pelas regiões da ineptia, da ignorancia, do *metier* a que se referiu o prócere. Comecemos, porém, por cima, duma maneira logica. Tratemos, do que chamo: *a meia volta da gazua, ou chave falsa, volta e meia*.

O mesmo jornalista arrancou ao dirigente da pasta da agricultura esta confissão relativa aos lucros ilicitos:

«*E' difficil atingir os grandes por falta de elementos de informação*».

Não ha duvida. Quando os titulares das pastas servem os comerciantes poderosos, são seus empregados—como o proprio senhor Fontoura—alcançar os seus delictos é como encontrar o melro branco.

Outros antigos ministros pertencem a firmas comerciais; alguns, monarchicos, filiados no tempo do antigo regimen, pertencem a casas comerciais como socios e ingressaram no partido democratico.

Claro, que em semelhantes condições, cada defraudador por grosso, cada senhor do mercado, cada firma de bom ganho, só tem que associar um politico à sua empreza, enriquecê-lo e roubar o país com a sua ajuda, a sua complacencia, o seu amparo.

Para demais, as leis que esses estadistas produzem mal passam do papel, falta-lhes consistencia, não são mais do que dejectos de mentalidades malsãs ou tão corrompidas que pretendem ludibriar o publico. Vamos penetrar na curva do zero. Cautela, que essa insignificancia é contagiosa.

O singularissimo ministro da agricultura—servidor da casa Burnay & C.<sup>a</sup> acusado de escamoteamento dum livro e abastado proprietario desde ha pouco—declarou tambem ao jornalista: «*os juizes síndicos já estão nomeados, mas eu não sei onde eles param*».

O que este curioso official da armada, encarregado da agricultura do país, ignora disse-o o *Diario de Lisboa* com uma precisão de boa reportagem:

«*Numa pensão do Chiado, os dois juizes síndicos almoçam*».

Nada mais natural que se descobrir qual essa pensão. Bastava perguntar pelo telefone para o excelente jornal o que resolveria fazer este empregado-ministro tratando-se de qualquer negocio de Henry Burnay & C.<sup>a</sup>, da secção do senhor Fontoura.

Por sua vez, os juizes tambem não sabem o que hão de fazer.

A' pergunta do jornalista: *quando começam a trabalhar?* A resposta brotou rapida e duma singular decepção:

«*Logo que tenhamos casa, pessoal, todos os indispensaveis*».

Quer dizer, o ministro não sabe deles, os magistrados não sabem onde exercer as suas funções.

Não ha mais cabal falta de competencia em quem dirige, ou antes, em quem ludibria o povo: Zeros enormes, formidaveis, gigantescas cifras esses homens que clamam, propagandeiam, se deixão entrevistar, garantem à nação que se meterá na ordem quem a rouba, a defrauda, a seduz à mingua enriquecendo-se, e, no fim, deixam os juizes no desconhecimento do logar onde se vão instalar. Mas ha mais: eles, os que devem aplicar a lei, acham-na incapaz, querem-na modificada, entendem que lhes dá «*arbitrio excessivo*» e logo declaram que «*está diminuida a acção do juiz*».

Nada se comprehende. Uma grande chuva de zeros, de cifras, extranhas como olhos vagos, como redondos buracos de caveiras, parece inundar esta terra à qual arrancam os braços e os influxos.

Para regularisar a questão dos lucros illicitos bastava uma cousa simples: entregar ao publico essa função, conceder, com poderes, às associações proletarias, scientificas e literarias, de empregados e de proprietarios a fiscalisação, o direito de levar ao julgamento rapido o prevaricador que teria a defrontar-se com um tribunal de larga acção composto por membros daquelas sociedades—devidamente remunerados.—As penas a aplicar seriam muito mais graves do que as estabelecidas: o degraço e o sequestro dos bens deviam figurar nesta medida salvadora.

Mas o quê? Acaso esses ministros, empregados dos grandes burlistas, socios de grandes firmas, esses que consentem os lucros excessivos da moagem tem direito ou autoridade para tocar num negociante modesto? Tanta como uma proxeneta em aconselhar virtude, um criminoso em subir à cadeira do acusador, um hereje a prègar religião ou um traficante a impôr moralidade.

Não ha duvida—meu pobre Roberto—emquanto subsistir este regimen da mais infecta dualidade—o homem do poder—caixeiro—o politico servidor dos plutocratas, simbolisados em Fontoura, empregado de Burnay & C.<sup>a</sup>, nos outros que dirigem ou servem argentarios, bancos, sociedades, não tens outro pavilhão a cobrir o roubo e a ineptia. Arvora-se a Gazúa e o Zero e toca-se a *Portuguesa*, essa toada triste, que um alemão escreveu contra a Inglaterra, e serve para saudar os piratas de toda a casta associados contra o nação como se o hino fósse o verdadeiro fado das mãos criminosas.

\*

\* \*

P. S. — Finalmente appareceu um dos juizes síndicos que publicou o seguinte edital, na 4.<sup>a</sup> pagina do *Diario de Noticias*:

**MINISTERIO DA AGRICULTURA.** — *Lucros excessivos.* — *Aos comerciantes, industriais, agricultores e consumidores.*

O Dr. José Maria Pinto de Sousa Magalhães, juiz de direito de 3.<sup>a</sup> classe, exercendo em comissão, na comarca de Lisboa, o cargo de juiz instrutor dos processos instaurados nos termos dos decretos n.<sup>os</sup> 8.444 e 8.724, respectivamente de 21 de Outubro de 1922 e de 21 de Março ultimo:

Faz saber que vai ser dada execução às disposições dos citados decretos para os quais chama a atenção dos srs. comerciantes, industriais, agricultores e consumidores, especialmente na parte respeitante aos fac-



tos declarados puniveis e às penalidades applicaveis — e que os serviços a seu cargo e do juiz adjunto estão instalados no edificio do Commissariado Geral dos Abastecimentos, largo Trindade Coelho, onde devem ser apresentados, a partir do dia 16 do corrente, das 10 ás 16 horas, quaisquer participações e queixas, em petição, com a assinatura reconhecida por notario, instruída com os documentos e rol das testemunhas em que se designará os nomes, estado, profissão e residencia destas e se exporá detalhadamente :

- a) — A identidade dos arguidos ;
- b) — Local e narração do facto incriminavel ;
- c) — Data da sua perpetração.

Lisboa, 6 de Abril de 1923.

*José Maria Pinto de Sousa Magalhães*

Assinaturas reconhecidas no tabelião! E os pobres, os que tem maiores queixas ou não sabem escrever ou não podem perder tempo? Parabens aos açambarcadores, mas Deus escreve direito por linhas tortas. E' exactamente como se tecem as cordas de esparto.

## A "Archotada" e o Protocolo

Como se prepara um movimento — A noite de Belem em 4 de fevereiro de 1914 — Do "Intransigente" ao palacio presidencial — Manuel de Arriaga e o povo — A amnistia

Vivem apenas tres dos individuos que conduziram a *Archotada*. Camilo Rodrigues, Augusto Machado Santos e eu. O almirante, inspirador desse movimento, foi assassinado, Carlos da Maia, que me foi convidar, em nome de Machado Santos, tambem recebeu, traiçoeiramente, a morte, Julio Martins, morreu desoladamente no seu leito, depois duma agitada vida politica. Nós aguardamos o destino.

A *Archotada* começou com meia duzia de pessoas e acabou conduzindo quatro mil. Eramos seis a descer do *Intransigente* pela rua de S. Roque para irmos a Belem pedir a demissão do governo de Afonso Costa, passamos sob as gargalhadas dos redactores do *Mundo*, enveredamos pelos Paulistas e ali juntaram-se-nos dois empregados do *Seculo*, João Paulo Coelho e o Mariano, de Alcochete, ambos republicanos do 5 de outubro; no Conde Barão apareceram mais uns populares, e à porta do quartel de marinha, diante do Maia, então adorado pela maruja, uma onda se nos ligou. Tocava ao recolher e muitas praças faltaram, entusiasmadas, julgando tratar-se da revolução. Alcantara, dera o seu contingente e ao chegar-se à Junqueira a vaga humana, que ali se aglomerava, rompeu aos vivas.

Era em fevereiro de 1914 — a 4 — numa noite clara que os archotes tornavam deslumbrante. Via-se como de dia; os braços erguiam-se segurando os fachos, as bandeiras desenrolavam-se na brisa doce e as musicas começavam a tocar a *Portuguesa* que irrompia freneticamente de todos os labios.

Enchiam-se as janelas dos palacios, senhoras, fortemente iluminadas nas luzes fumarentas, batiam palmas, os homens descobriam-se e o povo elevava as suas vozes, nessa toada fatalista do hino, pondo comoção nos tremulos do côro, erguendo as cabeças num aprumo marcial.

*Às armas, às armas,  
sôbre a terra e sôbre o mar...*

Aquela multidão seria capaz de avançar para o Terreiro do Paço e

para Belem, levavam os dois soldados da republica, os servidores do regimen, a massa delirante recheada de anarquistas, de sindicalistas, de avançados no meio dos quais eu era o unico monarchico, por coerencia, por dignidade, desde que a republica vencera.

Não havia comnôco — com os da *Archotada* — senão povo; os das classes alta e media não se atreveram a descer à rua. Braancamp, presidente do Senado recusara tornar-se o nosso chefe; Antonio José de Almeida, então em luta contra Afonso Costa, desoladamente nos dissera ser inviavel esse passo. Ninguem acreditava que a multidão nos secundasse e ela veio; marchou de ali, soltando os seus brados, entoando a *Portuguesa*, segurando os seus archotes, erguendo as suas bandeiras, entusiasmada, delirante, brava — a bela turba que eu adoro, mesmo quando se rebela — o povo, emfim, na sua manifestação a encher o largo de Belem, com ordem, sem um empurrão maior, aclamando o presidente.

Só entraram no palacio doze comissionados e vejo ainda o velho Arriaga, com o seu casaco de abafar, pelos hombros, estendendo-nos as mãos, perguntando-me no ar amigo que sempre usou — sabendo-me intimo de seu filho Manuel — se tambem vinha com eles; luzindo-lhe os olhos, por detraz das lunetas, como numa saudade do tempo em que protestava como nós.

Passava-lhe na alma a sua mocidade; dizia-o depois, e n'aquêle momento escutava-nos, parecia meditar, recolhia-se um pouco na sala do palacio. Da praça chegava o cantico nacional, ouvia-se o nome do Presidente nas saudações de quatro mil bôcas e então, Julio Martins, falou, discursou, grave, nobre, expoz a situação. Queria-se a demissão do gabinete; vinha ali gente de todas as facções: os homens do 27 de abril, cujos companheiros estavam em Angra prisioneiros, os socialistas que tinham sido tratados de *sucios* pelo chefe do governo, os sindicalistas protestando pelos camaradas enclausurados no forte da Graça, os republicanos contrarios aos demagogos que não podiam sofrer os ataques dos que a policia protegia. Não era aquilo a republica tão sua amada . . .

O velho presidente levantara a cabeça, continuara a escutar e os vivas irrompiam sempre num clamor apoteótico, os versos da *Portuguesa* entravam pela sala de uma distinta forma, lentos, maguados:

*São como os beijos de mãe  
Que nos guarda e nos sustem . . .*

Seria necessario dar alguma coisa àquele povo. Então, Manuel de Arriaga, não hesitou, decidiu mostrar-se aos que o aclamavam, embuçou-se mais no sobretudo, poz o chapéu e atravessou, entre nós, o jardim do palacio, assomou à varanda e recebeu, em cheio, a luz vermelha dos archotes. A sua cabeleira alva tingia-se da côr das chamas rubras, o seu rosto claro ressaía iluminado vivamente, e o seu braço ao erguer-se para saudar o povo alongava-se enormemente na sombra oculta como se quizesse abranger Portugal.

O velhinho falou; Julio Martins repetia as suas palavras que o vagalhão humano aplaudia e de entre aquelas bandeiras, à luz forte daqueles fachos, nasceu a apoteóse.

Passava um arrepio de comoção na rua; lá em cima murmurava um sôpro mais vivo de aragem. Levamos o presidente e, atravez dos macissos das flôres, no luzeiro forte, Arriaga, balbuciava:

— O povo . . . o povo  
 Devia chorar nesse minuto doce da sua vida, em que pelo povo se condenou e se perdeu. À despedida, ainda me tomou a mão, depois puxou Machado Santos para um canto, enquanto a luz forte batia nos vidros, flambava e a *Portuguesa* atroava os espaços:

*Às armas! às armas!  
 Sobre a terra e sobre o mar . . .*

Não tinha sido necessario armas. A vontade de meia duzia de homens decididos e o aplauso do país, junto a justiceira, honrada, digna, alma de um republicano de principios, conseguira mais que uma revolução.

As prisões abriram-se, os monarchicos, os socialistas, os republicanos, os sindicalistas obtinham a liberdade. O governo fôra demittido; chamava-se a formar gabinete o doutor Bernardino Machado.

No dia seguinte, Americo de Oliveira, mandava ligar o telefone da *Brasileira do Rocio* para casa do doutor Alonso Costa.

— Quem fala?

— Diga-lhe que é o Germano Martins, para um caso grave! . . .

— És tu? perguntou o ministro decaído.

— Então caíu ou não caíu?! gritou-lhe o chefe civil da Rotunda.

O auscultador bateu raivosamente. Foi o ruído mais colerico da *Archotada*.

Recordo esse episodio ante o relato feito ao *Diario de Lisboa* pelo chefe do Protocolo ácerca desta jornada historica, e que o excelente jornal arquivou.

O Protocolo — mesmo quando incarnado num bom rapaz como o Barreto da Cruz — tem tão pouco direito a esquecer-se como um cronometro a adiantar-se ou a atrazar-se.

O Protocolo é o metodo, é a pêndula, é o relógio eternamente certo. Não pode dar as horas trocadas.

## A grande voz de dois minutos de silencio

A extranha homenagem aos mortos — Do Minho ao Algarve na mudez — O que se pensou em tão pouco tempo — Os papagalos de Lisboa — O terrível da calada

Um dos numeros do programa comemorativo do 9 de abril consistiu em dois minutos de silencio. Todo o país, da brenha ao mar, do plaino á rafa, foi convidado a calar-se, a recolher-se, voltado para a banda da Batalha, como se consagrasse aos grandes mortos do passado e aos soldados desconhecidos esses cento e vinte segundos de mudez.

O governo rejubilou no seu intimo com tal detalhe: seriam, pelo menos, dois minutos, na sua existencia, em que o país não diria mal dele. Aconteceu peór. Pensou mais tranquilamente; e se fôsse possivel entrevisitar todos os portuguezes, só meia duzia deles—os que formam o ministerio, á excepção do senhor Gaspar das Colonias—se atreveria, em publico, a desmentir a minha revelação. A totalidade, lá do intimo, como numa confissão para Deus, pensou mal do regimen, durante esse espaçoso tempo. O proprio senhor Antonio Maria da Silva, saudosamente, relembrou o mesquinho ordenado de administrador de Redondo, na epoca da monarchia, que lhe chegava melhor para as suas necessidades do que os honorarios de ministro e mesmo porque, então, lhe tinham muito mais respeito.

No Minho, quando o camponez deixou a rabiça para se voltar para os lados onde lhe disseram existir a Batalha, não guardou aquela expressão piedosa usada quando o sol desaparece e os sinos humildes tocam a Trindades. No primeiro minuto parecia refletir; prégas fundas se cavaram na sua testa crestada; no segundo, a bôca contrau-se-lhe e, como se escutasse a voz da sua avó de 1846—a da Maria da Fonte—agarrrou convulsivamente o madeiro do arado e teve o ar de mover o seu instrumento de trabalho como aquelas metralhadoras mortíferas usadas pela sua brigada na guerra. Lembrava-se das inclemencias passadas em França, do filho a emigrar por falta de pão, do irmão que ficara a estrumar os campos estrangeiros, a apodrecer sob essa terra diferente da sua. O cuco cantava nas carvalheiras. Depois, picou os seus bois, suspirou e poz-se tranquilamente a lavrar.

O transmontano atirou á terra o chapeirão: encostou-se ao cabo nodoso da sachola, contemplou as serras altas que não o deixavam vêr

mais que seus pedregulhos estranhos pelos quais, nos invernos, rolam, saltitam, espadanam as torrentes e, gravemente, franzindo o sobrecenho, quedou-se a meditar; eram as faltas de pão, os viveres caros as decimas, a mandoria dos que vira descalços, as lisonjas á republica do senhor Nicolau Mesquita, e doutros, que os aldeãos ouviram a viver o Rei, e, n'um gesto impulsivo, brusco, poz o sacho contra o hombro, mirando bem, n'um instinto, julgando segurar uma boa espingarda. Não se calava nos montes a voz das cotovias. De seguida, o trabalhador cuspiu nas mãos e, raivosamente, atanchou a enxada no torrão negro.

No Douro, largou-se o trafego do vinho; ficou-se a pensar nas agruras da vida, n'aquela torturante existencia que já nem dava vontade de cantar: «*agua leva o regadinho*». Antigamente mourejava-se entornando-se sobre o solo o suor e a canção; comia-se a sardinha salgada com a brôa e á hora de deitar fa-se de bom animo, arrecadar-se mais uns tostões e a mulher no S. Miguel, teria as suas arrecadas. Agora, Raio! nem chegava para a amassadeira a mancheia de papeis porcos que os ingleses atiravam em troca do vinho. Melros assobiavam felizes ante a mudez dos homens. Então, os labios abriram-se n'uma canção que ou-tr'ora o antepassado lançara epicamente ao ar azul, no tempo dos Passos:

*Eia, avante, portugueses!*

*Eia, avante, não temer...*

e contra os que os tinham escravizado agora elevavam as suas vozes olhando as caçadeiras penduradas nos muros alvos dos casebres. D'aí a pouco, moviam as picotas para a rega das hortas verdejantes,

As Beiras, do meio das suas fragas, indomitas e feras, atiravam-se sobre a terra, com furia de a agarrar bem; sorviam-na, embriagavam-se com o cheiro activo, com a essencia que vinha do seu trevo, do seu feno, na passagem lenta da brisa e assim, silenciosos, beijando e saboreando a leiva, decorreu um dos minutos. Julgavam que lhes queriam roubar a mãe do seu pão, da sua razão de viver mesmo empenhados mas não vendendo nem um só palmo d'essa terrinha porque era sua, embora dia a dia, os dos governos a fizessem pagar mais cara. E um odio fundo á mandança de Lisboa rugiu neles e no segundo minuto as pedras das serranias, batidas de luz, quasi se moviam, sob os olhares dos seus conterraneos, como nos tempos sagrados e santos de Viriato. Bandos de corvos grasnavam nas alturas e os beirões lentamente, se ergueram e foram-se á vida pelos pedragais, pelos soutos, olhando o despontar das searas, e indo tratar dos queijos brancos, bocaditos de manjar do ceu amassado entre penedias.

O alemtejano é melancolico e arteiro: vive em grandes cuidados engordando os suinos e arranca da terra dura os seus proventos. Anseia pela agua mas cultiva a sua arvore esmeradamente, faz as conservas das suas ameixas, das suas outras fructas e cria azeitonas de reputação universal, tudo isto sem que o protejam, o afaguem, lhe deem a mão. Os grandes campos incultos alargam-se diante dos ganhões sôfregos e nos dois minutos de silencio, em holocausto á memoria dos mortos pela patria, eles sentiram-se, por seus maus governos, quasi finados tambem. Calaram-se mas de seguida, o gesto foi o de arrancar do solo os grandes calhaus como se escutassem o explodir do dinamite nas horas das rebeliões dos rurais. Ouvia-se sempre o manso

gemer das rolas. Passou o tempo breve, tilintaram os guisos dos machos tirando os grandes carros cobertos, debruçaram-se os vultos para o chão, queimando-se na soalheira, fumegando sob o fundo scintilante da paizagem alegrada de casalejos brancos barrados de sol, golpejando a vista.

Foi, no Algarve, um singular instante o do recolhimento. Lendas suavíssimas de moiras acudiam às imaginações; voltavam-se todos para os lados da Batalha, sob as amendoeiras floridas, corria um perfume no ar embalsamado, e lá ao longe, as aguas largas do oceano abriam-se encavalgavam-se, à distancia, de espumas brancas que se julgavam deixadas pelos sulcos das caravelas do Infante. Outras lendas, mais proximas da historia, surgiam e os algarvios n'esses rapidos momentos, pensaram tudo isto com uma visão nitida, bem desenhada, em recórtés.

A segunda parte do recolhimento entrechocou-lhes o ânimo, velhas pragas se confiveram nos seus labios; julgaram as arvores desprovidas de flôres e respiraram um cheiro de enxofre expelindo-se da terra. O mar imenso era uma cavalgada revolta e a conica de hoje azedava-os; vinha-lhes a recordação do passado, do seu pão loiro, seu leite puro, suas papas milhas e o seu *Menino Jesus*, cuja capela cheirava a cravos, a rosas e a flôr de laranjeira. As aves multicôres passavam em bandos e um tentilhão audaz, encarrapitado n'uma figueira, dobrou o canto.

À beira d'agua ergueram-se os arpões, remos, varas, como lanças, e as podôas, as navalhas recurvas, os ancinhos luziam na bôa claridade. Então, docemente, dobraram-se os vultos e uma melopeia lenta, arabe, sonhadora, passou nos ares, docemente.

Faltava ainda meio segundo para terminarem os dois minutos aos mortos dedicados. O algarvio não contivera mais tempo o verbo impetuoso e logo se pusera a trabalhar ligado á fatilidade; no fundo a esperar, pronto para a ajuda no grande dia que virá como ele crê enchendo-se do aroma das suas arvores vestidas de comungantes a aguardaram as Maias ainda mais floridas.

Nos campos da Extremadura a calada fez-se; os olhos voltaram-se para a Batalha e os homens não deixaram as ferramentas; o seu recolhimento foi colerico, as faces encarrancaram-se, crisparam-se as mãos e toda a agitada vida daqueles soldados, para cujas memorias lhes pediam a esmola dum silencio, os levou a uma revolta mais profunda relembrando a exploração dos plutocratas, a protervia dos governantes, os males da nação. Os rouxinois trinavam nas balsas. Decorreram os dois minutos agonicos, de reflexão e de revolta, e os seus braços, armados apenas de utensilios de labor, desceram para a tarefa e das suas bôcas brotou o brado de colera, quando expirou o derradeiro segundo dos votados a essa evocação dos herois sacrificados inutilmente.

Lisboa, essa, como não trabalha, custou-lhe muito o estar calada, a não discutir politica, a olhar para o oriente onde a Batalha se ergue. Scepticamente achou inutil esse silencio, romanticamente pensou ir pela rua do Ouro abaixo atirar os ministros pelas janelas fóra, em sacudir os regimentos formados na Avenida e levá-los a uma revolução; comodistamente, porém, recordou-se que tem filhos e mais gente a sustentar e que o café da Brazileira não tem sabor bebido no Limoeiro.

Não houve maneira de calar os papagaios da Baixa.

Quando a cidade pode falar disse disparates e tornou a encostar-se ás esquinas.

Todavia, nalgumas aguas furtadas, intellectuais visionavam o futuro; nas oficinas os proletarios sonhavam-no tambem, homens de estudo labutavam e, decorridos os dois minutos, elles continuaram reflectindo mais alguns instantes até que à tarefa volveram.

Assim se passou no país os espaços da calada consagrada e piedosa.

No Terreiro do Paço rejubilou-se porque se julgou não ouvir dizer mal do govêrno. Proveitoso silencio ele foi. Na realidade, valeu mais do que berros; representou alguma cousa na mudez dos homens e dos instrumentos de trabalho: a contrição das almas. Esse silencio foi, num largo paradoxo, a voz da consciencia de Portugal.

Os homens emudeceram mas as aves continuaram a cantar numa aleluia para seu regalo, livres do preconceito e do cuidado procurando o alimento onde Deus o põe.



